

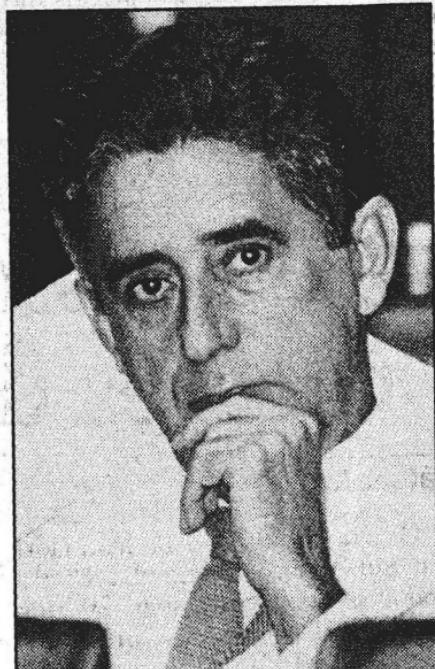
Falta união, admite Célio

Atentativa do presidente Fernando Collor de levar para o Governo o PSDB nesta reforma ministerial, foi encarada por alguns parlamentares de esquerda como uma tentativa de isolar e destruir as oposições. "O secretário Bornhausen quis colocar a oposição em um gueto, criando a idéia de que ser oposição é ser contra o País, antipatriótico", salienta o líder do PSB na Câmara, deputado Célio de Castro (MG). Para ele, é fundamental neste momento, revigorar o papel da oposição num regime democrático.

"Não cabe à oposição ficar elaborando projetos para o Governo e sim exercer o papel fiscalizador e aprimorar o que o Governo propõe", pondera Célio de Castro. O líder do PSD argumenta que muitos partidos de oposição têm caído nesta "armação" do Governo. "Nós temos é que nos assumir como oposição e não no papel de assessores do Governo". Célio de Castro, que defende a formação do bloco de oposição, acredita que só a união dos partidos de esquerda e centro-esquerda resgatará este papel. "Ou nós nos unimos e nos reciclamos ou seremos trágicos pelo Governo".

O presidente nacional do PT, Luís Inácio Lula da Silva, também aponta a falta de articulação das esquerdas. "Hoje não existe Governo, mas a oposição também não age articuladamente". Para Lula é preciso um mínimo de sintonia entre os partidos contrários ao Governo, que se viabilizaria na formação do bloco informal. O líder do PT na Câmara, deputado Eduardo Jorge (SP) destaca a importância da permanência do PSDB no campo democrático, com a recusa de participar do Governo.

"O presidente Collor esteve há um passo de causar um estrago na oposição, que felizmente não se concretizou". O PT se posicionou favorável à permanência do PSDB como um todo na oposição. "Nós queremos



Célio: Oposição não é gueto

uma aliança com o conjunto do PSDB e não trazer para o PT os dissidentes". Esta nova postura do PT, de formação de alianças — tirada no último congresso nacional do partido — ganhou força com a liderança de Eduardo Jorge. O petista inclui no bloco todos os partidos do campo democrático de oposição (PSDB, PDT, PPS, PC do B, PSB), exceto o PMDB.

Segundo Eduardo Jorge, o PMDB é um partido de natureza frentista que dificultaria a atuação em bloco. "Nosso relacionamento com o PMDB tem sido, no entanto, de discutir pautas e prioridades de votação, que vem funcionando muito bem". O petista afirma que atualmente, a formação do bloco e a discussão das prioridades são as duas estratégias da oposição.

Animado com a formação do bloco da oposição, Eduardo Jorge faz a conta da força potencial dele. "nós teríamos 140 votos, o maior bloco do Congresso hoje", enfatiza. O petista lembra que ainda seria possível contar com parte dos 103 votos do PMDB em determinadas votações. Hoje a Câmara se divide em 130 parlamentares do bloco governista e 115 dos partidos tidos como independentes. "Nós temos que nos esforçar para conseguir maioria nas votações prioritárias".